

Professor ou tutor?

Catedrático imponente, superior, soberbo, de longínqua verticalidade, a perder de vista pelo discípulo? Nada disso: um igual. Sempre manteve estreito contato com o alunado. Pensava que o entrosamento favorecia, com naturalidade, a incorporação da humanização no futuro exercício do clínico. Assim, além de afirmar a aproximação, modelava o caráter profissional do jovem, paralelamente ao ensino da clínica. Se problemas pessoais atingiam o discípulo, o Mestre virava ator na busca da solução. Jamais se arrependeu por manter esse vínculo.

Certa vez, tratou-se da estagiária, a qual cursava o 4º ano de Medicina pela Universidade Latino-Americana. Fina, bem educada, debruçada ao leito dos enfermos. Porém, muito reservada.

Informação confidencial de parceira em aprendizado avançado: moça procedente de país pobre, de família numerosa, tradicional, cujo chefe — agropecuarista de recursos —, inflexível, não aceitava transgressão ao respeito paterno; a jovem conheceu um estudante de Medicina, originário do Nordeste brasileiro — refugiado político —, que escolhera o país latino-americano vizinho para ser esquecido na terra natal.

Paixão à primeira vista! Rapaz de classe social elevada, mas militante universitário de esquerda, marcado pela polícia política para ser “apagado”, ao tempo do regime dos generais. O pai do moço, autoridade nomeada, conseguiu trazê-lo de volta ao Brasil e, melhor ainda, transferi-lo para a universidade paulistana, na expectativa de que, no novo ambiente, as atividades partidárias do filho fossem postas de lado, deixando-o a salvo da repressão governamental. Assim foi feito, porém... Em franco desafio ao regime patriarcal, a universitária fugiu para juntar-se ao eleito, em São Paulo. No lar paterno, era selada a sentença da estudante: Portas fechadas! Não mais integrante da família! Menção de seu nome sob proibição!

E foi assim que a formosa latino-americana de voz suave e semblante triste foi interpretada pelo Mestre.

Sua entrada em cena. Palestra científica agendada na Sociedade Médica da capital do país latino-americano em questão. Compromisso cumprido, em sequência, solicitou encontro com os pais da proscrita. Ambiente sóbrio, sem vislumbre de sorriso. Ouvidores imperturbáveis — analistas —, sob irreduzível mudez!

Qualificou-se, então, o Mestre. Mentor de jovens estudantes, ocasionalmente tutor temporário; sim, substituto dos pais! Pediu permissão para comentar a questão delicada que não lhe dizia respeito; caso fosse aceita, prosseguiria; se rejeitada, agradeceria a hospitalidade e retirar-se-ia de volta ao Brasil. Obtido o aval, o Professor redesenhou a imagem da egressa, sua estagiária.

Conduta, dedicação, frequência, desempenho, lembrança constante do lar paterno... Mas algo a distinguiu, a personalidade... Determinativa! Definitória! Nada comum entre acadêmicos. Parecia, ao Mestre, advinda... de herança!

— Arriscaria dizer-lhes [fala do Professor aos genitores] que, entre seus numerosos herdeiros, quem mais se iguala ao caráter paterno... é *su filha* — futura médica —, eleitora de profissão exigente de decisões unipessoais, por vezes imediatas, radicais...

Da senhora para o marido — um humilde olhar orvalhado —, sem palavras, o apelativo pela anistia. Opinião do Professor (ou Tutor)... Olhar de mãe... Ufa! Patriarca cedente...

Matrimônio selado. Calendários se escoaram. Ao retorno da liberdade política, ele, médico e Senador da República Federativa do Brasil. Ela, naturalizada brasileira, dirigente de Medicina Social. O filho, também médico especializado.

Um dia, houve rápido encontro na rampa do hospital de ensino do Professor [ou Tutor?] com o médico Senador. Ao lado, o trôpego velhinho. O parlamentar amparava o patriarca arqueado, conduzindo-o à sessão de radioterapia. Após o aperto de mãos, o Mestre identificou-os de pronto. Mas não foi reconhecido. Que importa!

Era uma vez uma princesinha de um reino distante... O rei, seu pai, unicamente ele, decidiria o futuro da princesinha...
O leitor pode enfeitar, se quiser. Da vida real para a historinha infantil.

Arary da Cruz Tiriba
Diretor cultural da Academia de Medicina de São Paulo